

humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

versitário, a Escola Sueca dá-nos um exemplo de persistência, do valor da especialização e da capacidade de adaptação, porque soube encaminhar-se para o estudo do Latim como suporte da linguística românica.

J. G. F.

H. A. DRAKE, *In Praise of Constantine: A historical study and new translation of Eusebius' Tricennial Orations*, University of California Publications: Classical Studies, volume 15, Univ. of California Press, Berkeley, Los Angeles, London, 1976, 191 p.

H. Drake apresenta-se perfeitamente senhor da complexa problemática que o discurso pronunciado a 25-7-336 por Eusébio de Cesareia levanta na filologia da Antiguidade Grega Cristã. Embora se proponha um fim eminentemente filológico de tradução e interpretação, H. A. Drake foi lançado no estudo do período em que viveu Constantino Magno (280-337), apresentando-nos uma *Introdução* (pp. 1-79) profundamente recheada de saber histórico, filtrado através dos maiores e melhores conhecedores desta época.

Começa por ser o próprio Autor, Eusébio de Cesareia (260-339), que é enquadrado e compreendido na sua época, como bispo e literato, formado na escola clássica e organizador da primeira *História Eclesiástica* (que vai das origens até 224); e além de obras teológicas diversas, constrói no *In Laudem Constantini* a primeira filosofia política das relações entre o Império e a Igreja, a qual vigorará durante um milénio; e é também o primeiro «espelho de príncipes» (p. 11). Eusébio revela-se perfeitamente consciente do sentido da sua missão, que é relatar a história e fazer compreender os grandes homens.

Assim, somos levados a estudar mais demoradamente os acontecimentos relacionados com a última grande perseguição aos cristãos, decretada por Diocleciano em 303 e logo em 305 reconhecida como impopular e incapaz de vencer a força dos ideais cristãos, a ponto de ir enfraquecendo aqui e ali, consoante os governadores, e de, em 311, Galério ter dado ordem de cessação. Entretanto, Constantino, filho do general Constâncio e de Helena — esta de condição humilde, mas que soube depois elevar-se às grandezas do poder e da santidade — fizera uma normal carreira política; e era oficialmente elevado a César a 31-3-307. Os acontecimentos foram decorrendo a seu favor, a ponto de a 28-10-312 ter vencido Maxêncio, na célebre batalha de Ponte Milvio, nos arredores de Roma. Aliás, Constantino vinha assumindo a sua missão de reinar. Em 310 (conta um seu panegirista pagão) tem uma visão de Apolo que lhe promete o triunfo das suas tropas. Antes do embate contra Maxêncio, vê no céu o Lábaro promissor que lhe diz: «Com este sinal vencerás» (cf. pp. 22-23, e discussão da interpretação do símbolo e seu significado pp. 72-73). Só mais tarde (324) derrotará definitivamente Licínio, ficando desde então inequívoco imperador do Ocidente e Oriente, qual novo Augusto, a quem se comparou em tempo de governo e sentido de missão.

Desde 313 — ano do afamado «Edito de Milão» — Constantino vinha sendo chamado a intervir para estabelecer o entendimento e a paz entre igrejas divididas pela heresia (cf. p. 24). O seu prestígio subiu muito mais quando em 325 conseguiu, convocando o Concílio de Éfeso, restabelecer a ortodoxia contra Ario. Apreciando o sempre crescente protectorado eclesiástico de Constantino, coloca H. A. Drake o seu ponto mais alto na reconstituição dos lugares sagrados da Palestina, inclusive, mercê da persistência e acção de Santa Helena, a descoberta do Santo Sepulcro. Drake situa este acontecimento à volta de 326 (pp. 76-77). Em obra recente, E. D. Hunt (*Holy Land Pilgrimage in the Later Roman Empire A.D. 312-460*, Clarendon Press, Oxford, 1982, pp. 28-49) segue os passos de Constantino e de sua mãe por essa data e prova que em 326 permaneceram na Itália, tendo regressado ao Oriente apenas pela Primavera de 327.

Exactamente um dos maiores méritos deste trabalho de H. A. Drake é ter conseguido demonstrar que, a 17 de Setembro de 335, Eusébio de Cesareia pronunciou, em Jerusalém, um sermão de elogio a Constantino, a que dá o título de *De Sepulcro Christi* (cf. pp. 30-45). Deste trabalho conhecia-se a existência, mas julgava-se perdido o seu texto. Drake prova que ele foi agregado habilmente ao *In Laudem Constantini*, de que constitui os tradicionais capítulos 11-18. Com uma argumentação densamente filológica, prova Drake, pelo estilo, pela matéria e pela assistência, que o *De Sepulcro Christi* é obra à parte e que, num trabalho apressado do fim da sua vida, foi recosido por Eusébio a servir de complemento ao *In Laudem Constantini*, ficando assim estes dois discursos como apêndice da *Vita Constantini*, escrita pouco depois da morte do Imperador.

Feita esta prova da autenticidade e diversidade do *De Sepulcro Christi*, Drake consegue perfeitamente delimitar a data e o local (25-7-336 em Constantinopla) a assistência (a corte) e o género literário do *In Laudem Constantini* (um encómio), sendo estes dois discursos pela primeira vez nesta obra atribuídos e traduzidos como de Eusébio de Cesareia (cf. pp. 30-33, 36-38 e 46-60). A linguagem do LC, precisamente por ter sido pronunciado perante pagãos e cristãos, dá origem a uma pertinente explicação da adopção relativa do vocabulário da religião romana tradicional (pagã) na oratória cristã.

Drake insiste no carácter conciliador do governo de Constantino, ao qual Eusébio de Cesareia soube perfeitamente adaptar-se. Eusébio utilizou uma «língua franca» aceite pelos meios religiosos pagãos mais evoluídos, que tinham ultrapassado o politeísmo, e evitou mencionar o nome de Cristo, sem todavia ter omitido referências concretas à sua natureza e missão salvadora. Constantino criara um ambiente de tolerância e compreensão entre as religiões do Império.

Muito valiosa também é a interpretação que Drake dá dos ideais de Constantino como imperador. Impressionado com o cristianismo já antes da «visão» de Ponte Mílvia (312), prestigiado na sua função de pacificador das Igrejas e restaurador do Sepulcro de Cristo, Constantino soube conciliar e distinguir política e religião. E precisamente para proteger a sua independência no governo (pensa ousadamente H. A. Drake, pp. 75-79) Constantino só pediu o baptismo no leito de morte. Durante a vida quis sempre conciliar o deus Sol (de Apolo) e a Cruz (de Cristo). O seu ideal foi, pois, a paz, a unidade e a reconciliação do Império, que de pagão se ia tornando rapidamente em cristão. O «espírito da Idade de Constantino» foi um «espírito não de conflito, mas de compromisso» (p. 79).

Deixámos apontado quão valiosa é, do ponto de vista histórico-literário, a *Introdução* de Drake. A tradução do *Em Louvor de Constantino* ocupa as pp. 83-102; e a do *Sobre o Sepulcro de Cristo* as pp. 103-127.

Uma terceira parte da obra é ocupada pelas notas. Apreciámos o mérito da bibliografia citada. Reconheçamos, no entanto, que a sua consulta se torna muito difícil, por duas razões: — não se encontra junto ao texto, tornando-se muito mais útil se estivesse ao fundo da página respectiva; e falta-lhe um índice bibliográfico, precisamente das obras que provocaram as anotações. Acontece até (caso estranho) que Drake organizou uma bibliografia das obras e artigos citados para convalidar as suas notas, a que chama «obras secundárias» (pp. 183-191), mas falta-lhe exactamente um índice sistemático das obras dos grandes autores que constituem a base da sua argumentação e discussão (sempre conduzidas com grande segurança). Se ao menos houvesse um índice final de nomes citados... Mas nem isso. Também gostaríamos de ver um capítulo sistemático sobre os manuscritos destes dois trabalhos de Eusébio de Cesareia, as edições gregas e as traduções em diversas línguas. Assim, o leitor só poderá seguir a tradução se tiver à mão as obras de Valois, Heikel e Bagstér ou ao menos o vol. XX da *Patrologia Grega* (aliás também citada de modo difícil de reencontrar).

Terminemos com uma citação de H. A. Drake, que se vai tornando cada vez mais actual. É necessário traduzir! «The day when Classicists might reasonably argue that serious scholars do not need translations, if ever it existed, is now long past. Study of the Greek language is a luxury well beyond scholars whose primary interest lie in other disciplines: in this country in particular there is a large, and growing, body of students whose ability to conduct research in original sources is limited to work available in translation» (p. IX). Mas... qual não é hoje «este país em particular»?

J. G. F.

BLAKE GOODALL, The Homilies of St. John Chrysostom on the Letters of St. Paul to Titus and Philemon. Prolegomena to an Edition.
University of California Press, Berkeley, 1979, 102 p. + 4 gravuras
(= University of California Publications in Classical Studies, volume 20).

«Crisóstomo, disse Willamowitz-Moellendorf, é quase um puro aticista». Ainda que devamos distinguir os tratados, que ele próprio escreveu, pensadamente, utilizando todos os recursos da arte oratória e do seu talento, das homilias que pronunciou num estilo mais livre, com razão se compara S. João Crisóstomo, no período romano-bizantino, com os melhores oradores áticos, como Aristides ou Demóstenes (p. 1).

A sua obra foi editada por seis vezes (cf. pp. 2-5) e encontra-se reproduzida na *Patrologia Graeca*, vols. 47-63. A possibilidade de colacionar mais manuscritos e o avanço das técnicas da crítica textual tornam desejável que se faça uma edição